

**Do passado ao presente: O papel da mulher na construção de uma Geografia brasileira -
Rosa Ester Rossini – FFLCH/Universidade de São Paulo**

PET Geografia

(Revista Observatorium): Conte-nos um pouco sobre sua formação em Geografia, na Universidade de São Paulo (USP), na década de 1960.

(Rosa Ester Rossini): Os anos 1960 foram cruciais. No final do meu curso de graduação, em 1964, teve início a ditadura militar. A revolução no Brasil, felizmente, foi sem sangue, entretanto, é válido dizer que foi uma revolução com muito sangue de grandes valores. É uma contradição porque não houve uma guerra, mas, na realidade, nos bastidores, ocorreram muitas mortes de pessoas-chave no ponto de vista de pensar um novo Brasil. Nos anos 1960, a Geografia estava se consolidando. Eram raras as pessoas que trabalhavam com planejamento em órgãos públicos como geógrafos. Havia, praticamente, uma opção: ser professor/a do primeiro e segundo grau ou universitário. Na condição de professor/a universitário/a era uma raridade. Mas também havia outra condição importante nos anos 1960; você entrava na faculdade não pelo número de vagas, mas pela sua competência, então na minha geração (1961), eram 40 vagas e entraram 12 na parte da manhã, no noturno não sei quantos, mas o número era um pouco maior.

Nesta época era muito diferente ser estudante universitário, período em que a classe média começava a entrar na universidade, pois, até então, isso era um privilégio da burguesia. Eram nomes, no caso de São Paulo, “quatrocentões” que seriam também os professores. No meu departamento você tinha Aroldo de Azevedo, grande personalidade; o maior expoente. Cada setor tinha um professor ilustre. Na história era o Sérgio Buarque de Holanda; em letras o Decio de Almeida Prado; percebe-se o peso dos sobrenomes. Note-se, entretanto, quando da minha entrada na universidade, que já tinha concorrido com a presença de emigrantes tanto das classes baixa, média e alta. Na geografia tínhamos os professores Pasquale Petrone, Aziz Ab’Saber, Nice Lecocq Müller, todos filhos de migrantes que já tinham conquistado sucesso. Mas a classe trabalhadora, mais humilde, na qual eu me encaixava, também estava começando a participar. Digo para vocês que talvez eu tenha sido uma das precursoras na universidade – como aluno de baixa renda – porque era filha de servente de escola que vivia

PET - Geografia

com salário mínimo. Foi uma conquista muito grande para mim e para a minha família inteira ter ascendido à universidade.

É importante mencionar o que consta no meu memorial; é um momento muito interessante. O sonho da minha família era que eu conseguisse chegar a ser professora primária, como era chamado na época. Fiz o curso normal, mas desde a segunda série ginásial eu tinha decidido fazer Geografia porque eu tinha dois professores formados pela USP – o de Geografia e a de Francês – e, naquela época, nem todos os professores tinham frequentado universidade, eram leigos. Isso balançou muito meu coração. Eu não tinha um nível cultural bom em minha casa para ser professora de francês; o que eu precisava era ter um bom complemento de língua estrangeira para competir no vestibular, embora para prestar vestibular de língua estrangeira as exigências fossem um pouco diferentes. Mas nisso eu não pensei. Eu só pensava no meu professor de Geografia que entrava na sala com o mapa debaixo do braço – ele nos obrigava a ter atlas – abria-o e viajávamos o tempo todo. Isso realmente era uma coisa inusitada: “- você está estudando Geografia? Qual é a formação disso?” Na realidade a gente já estava trabalhando as relações sociais aliadas ao espaço que estava sendo produzido e reproduzido. Outra coisa – por ter herança imigrante – eu ia com minha nonna, isto é, com a minha avó visitar as amigas dela no campo. E via como a casa dos descendentes de italianos, no meio rural, eram muito diferentes das moradias dos naturais da terra. Tinha sempre um fumeiro cheio de carnes e uma prateleira repleta de doces em vidros, carne de porco na gordura porque não havia geladeira, aquele pão de forno, cheiroso e muito gostoso. Tinha horta, jardim, pomar, galinha e na casa dos moradores naturais da terra não tinha nem cortina nas janelas. Por que existiam estas diferenças? Comecei a pensar muito nisso. Eu não sabia o que era sociologia, mas tínhamos um professor que nos explicava coisas sobre a imigração e já nos fazia enxergar esses detalhes de qualidade de vida, de herança cultural. Falava em qualidade de vida, mas o que se via realmente ali era herança cultural que, mais tarde, seria um pouco mais esclarecida pela antropologia e pela sociologia. Já na segunda série ginásial eu tinha me decidido a fazer Geografia. Mas a minha família achava impossível porque na cidade ninguém tinha feito curso universitário, nenhuma mulher. Logo a filha de servente? Nem as filhas da diretora da escola e as professoras do primário tinham feito. Como é que eu ia fazer universidade? Eu ganhava muitos beliscões quando falava que queria ser professora de Geografia.

PET - Geografia

O tempo passou. Não havia ginásio na minha cidade e, então, tinha que viajar todo dia. Nasci em Serra Azul – ainda não era nem município – perto de Ribeirão Preto, para onde vieram trabalhar os meus avôs. No fim do século XIX eles vieram para município de São Simão, no Estado de São Paulo. Serra Azul, onde nasci, era um distrito. O curso secundário chegou nos anos 1960. Fiz o curso ginásial em São Simão e o curso normal em Ribeirão Preto, onde eu já estava me preparando para o vestibular. Meu professor já morava em Cravinhos. Eu ia a casa dele para discutir questões relacionadas a conteúdos e, além disso, ele me emprestava livros. Nesta época eu já sobrevivía jogando basquete, porque, desta maneira, conseguia ganhar um pouco, o que ajudava a pagar a pensão e, também, tinha o direito de pegar a sobremesa (chocolates, balas, etc.), que era um complemento alimentar para semana e para a quinzena. Além disso, tinha uma cota mensal da minha casa, que era uma lata de leite condensado. Parece pouco, mas, como era pobre, isso fazia uma enorme diferença.

Terminei o curso colegial, anunciei em minha casa que queria ir pra São Paulo fazer cursinho e entrar na faculdade, na Maria Antônia (eu nem sabia que existia USP).

Meu pai disse: -“Olha lamento muito. Estou realizando meu sonho. Eu tirei um empréstimo para comprar um anel de formatura para você”. Não lembro bem que valor era; talvez uns 20 mil. Aí eu respondi: -“nada feito, eu quero o dinheiro” e ele: -“Não. O sonho da minha vida é uma filha com anel de professora”, no que eu respondi: - “eu quero o dinheiro pra poder ir à São Paulo fazer o cursinho para prestar o vestibular”.

Então, no dia 26 de dezembro de 1960, fui embora para a capital. Os 20 mil eram suficientes apenas para pagar a matrícula do cursinho e me manter por dois meses. A minha tia queria que eu ficasse na casa dela, e eu disse não. Eu queria ficar em um ambiente de trabalho, onde pudesse me concentrar nos estudos. Resolvi que queria ficar numa pensão. Foi muito difícil achar uma do jeito que eu queria, mas acabei encontrando a pensão certa.

Fiz o cursinho, a primeira etapa do vestibular e fui reprovada na última prova. Entrei na segunda fase e aí a vida mudou; eu era universitária. Em maio, meus pais disseram que o dinheiro estava escasso e a vida ficou difícil. Uma colega da pensão conseguiu-me um emprego de preceptora de uma família japonesa. Ganhava um salário mínimo para todos os dias ir até lá perguntar o que eles queriam e o que não queriam. Com isso sobrevivi o ano inteiro.

PET - Geografia

No segundo ano comecei a dar aula de português em uma escola particular. Continuava apaixonada pela Geografia. Os professores perceberam que eu era pobre e também o meu grande interesse pela Geografia. Havia um professor, com o qual tive uma boa comunicação, que passou a me convidar para dar aulas para os filhos dele. Mas as crianças não precisavam de aula particular; era uma desculpa para ele me levar todos os dias na sua residência para almoçar. De manhã eu estava na faculdade, ninguém ia porque em geral a aula era à tarde, mas eu já estava de manhã. O professor me apanhava e levava para sua casa. Almoçávamos e depois, entre as 13 e as 14 horas, enquanto ele ia arrumar algumas coisas particulares, eu dava aula para as crianças. Todos os dias à tarde, me convidava para tomar um café com leite e comer um pão com manteiga, que era o meu jantar. E assim eu terminei o segundo ano. No terceiro ano eu já comecei a dar aula em colégio e trabalhava no Instituto de Geografia da USP como auxiliar de pesquisa, dava aula em Osasco no ensino secundário, trabalhava com os professores e assistia às aulas. Saía de casa todos os dias às 6:30 da manhã e retornava à meia noite.

Enquanto estudante, a minha primeira viagem para fora do estado de São Paulo foi em janeiro de 1963 com o professor Ab'Saber, que levou 36 estudantes para o Vale do São Francisco, Bahia e Minas Gerais. Foi a viagem mais linda da minha vida porque eu era apaixonada pela Geografia. Conhecemos a região histórica de Sabará, Congonhas, Mariano, Ouro Preto e Belo Horizonte, sempre com as explicações riquíssimas que o professor dava sobre a paisagem, conforme íamos seguindo. Fomos à Pirapora onde tomamos um barco e viajamos até Juazeiro, na Bahia. Foram oito dias de viagem. Durante o dia nós observávamos a paisagem e ajudávamos no complemento alimentar porque a comida do barco era muito simples e todas as noites fazíamos reunião explicando o que havíamos visto e contando o que tínhamos lido também. Era um espetáculo inusitado porque nos era dada a chance de ver gente pescando de arco e flecha e tivemos a oportunidade também de comprar os produtos que os ribeirinhos cultivavam e vendiam quando o barco chegava nos pequenos portos.

Comprávamos basicamente cebola ou alguma fruta que eles coletavam ou cultivavam. O barco necessitava de lenha porque era movido a vapor. A coisa mais linda era quando o barco chegava às cidades do vale do São Francisco, porque além dos estudantes que tinham comprado um bilhete e que estavam viajando, havia outras pessoas que iam visitar a família.

PET - Geografia

Eram migrantes de retorno ou temporário. Naquela época se vestiam de ‘Tule’ (um tecido de *nylon* ou algodão, cheio de buracinhos). Os homens usavam terno e gravata.

Estávamos na primeira classe, que comportava 40 pessoas. Ocupamos quase a lotação do navio. Cada cabine comportava 2 pessoas em beliche e não havia banheiro dentro dela. A primeira classe comia na mesa. As pessoas que viajavam também na primeira classe, mas quem não tinha conseguido cabine dormia em redes. Essa foi a primeira grande viagem que fiz.

A segunda, coincidentemente, foi no mesmo ano, em julho quando eu fui pela primeira vez ao encontro da AGB. Éramos quatro colegas inseparáveis; três mulheres e um homem. O professor Araújo, que era de uma enorme generosidade, disse pra nós que como ele havia ganhado a viagem do seu compadre, iria nos pagar a inscrição na qual já estavam incluídos alojamento e alimentação. E assim o fez. Fomos de perua Chevrolet em 7 pessoas. O professor Milton Santos, que na época era secretário de estado da Bahia e também o presidente da AGB, conseguiu um avião para levar os professores de Salvador à Jequié, pois, como o professor Araújo, era uma pessoa extremamente solidária, financiou a minha viagem, porque havia ganhado o transporte do compadre, Milton Santos. Foi maravilhoso porque não só conheci Jequié como fiquei engajada na pesquisa coordenada pela professora Nice Lecocq Müller. Forneceram um Jipe e dinheiro para custear as despesas. Meu acompanhante era Roberto Lobato, que também estava se iniciando na AGB. Assim sendo, tive o prazer de ficar três dias circulando com o Lobato de carro para ver até onde ia a área de influencia de Jequié. Fazíamos entrevistas, víamos as linhas de ônibus que circulavam, as placas dos carros, perguntávamos de onde tinham vindo os produtos, etc. A AGB foi uma grande escola.

Na década de 1960 as oportunidades de trabalho estavam começando a aparecer além do magistério. Algumas pessoas já trabalhavam na secretaria de planejamento, outras analisando fotografias aéreas. Eram pessoas eleitas, pois, praticamente, poucos conseguiram ser professores universitários. A maioria ia para o magistério, pois a remuneração não era ruim. Tive a felicidade de ingressar no magistério por concurso e me formar em 1964, mas já trabalhava na USP, no Instituto de Geografia, como auxiliar de pesquisa desde 1963. 1965 foi um ano de glória. Prestei concurso e fui aprovada em primeiro lugar no Concurso ao Magistério Oficial do Estado de São Paulo. Eram três provas eliminatórias. Fui convidada a dar aula na São Bento – Faculdade Católica e ser a primeira professora do Curso Normal do

PET - Geografia

Colégio Dante Alighieri. Era professora, trabalhava no instituto e fazia pós-graduação. Naquela época não tinha pós-graduação como curso regular. Fiz uma pós-graduação que hoje chama *Stricto Sensu*, e tenho diploma. Depois me matriculei na pós-graduação em 1969, realizei os créditos e defendi a dissertação de mestrado em 1971. Em 1970 eu já havia começado a trabalhar na USP como professora e tive a glória de, entre 1967/68, ficar na França fazendo um estágio. Nessa época eu dava aulas na universidade sobre a questão regional do Brasil e de prática de ensino em Geografia. Na França fiz estágio de longa duração em Prática de Ensino da Geografia. Tive a chance de ver e assistir ao movimento revolucionário dos estudantes em 1968.

(R.O): Como ocorreu o processo de constituição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no Brasil.

(Rosa Ester Rossini): A minha tese de livre docência foi feita em um período de 12 anos. Assumi um tema original, pois a mulher não era categoria de análise na Geografia. Houve uma coincidência muito feliz, pois, em 1982, foi publicado o primeiro livro sobre Geografia e Gênero quando se realizou o primeiro evento de Geografia em Callegari, na Itália. Participei do evento e depois fui comprar o livro na Inglaterra. Por isso demorei doze anos para fazer a minha livre docência. Quando terminei, o professor Manuel Correia estava no final do seu mandato como representante da Geografia no CNPq e sugeriu meu nome para representar a comunidade científica. Fui aprovada e passei a representar a Geografia na instituição, de 1988 a 1990. Em 1989 me convidaram para participar das primeiras avaliações e seleções do PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

O programa surgiu do seguinte: a bolsa de iniciação científica era dada para quem tinha bolsa de Produtividade em Pesquisa - PQ. Quem tinha bolsa de produtividade em pesquisa já tinha um histórico de vida, então se pressupunha que essas pessoas sabiam orientar estudantes na pesquisa, logo, eram concedidas bolsas de IC. Na época, a maior concentração de bolsas de PQ ocorria no centro-sul então, conseqüentemente, esta região recebia maior número de bolsas de IC.

A vice-reitora da Bahia, em 1975, foi ao CNPq reclamar dessa situação e pedir um voto de confiança para que o Norte e o Nordeste também tivessem oportunidade de orientar jovens

PET - Geografia

iniciantes na pesquisa. Em 1976 foram concedidas 70 bolsas para Bahia como voto de confiança e quem ficou com a responsabilidade de coordenar o programa foi a vice-reitora que se esmerou no período de um ano, e fez um relatório com todas as etapas e encaminhou ao CNPq. A experiência não era ruim e, ao contrário, foi um sucesso. O Comitê Consultivo do CNPq concedeu para Manaus, Belém, Recife, São Luiz e Bahia 350 bolsas divididas igualmente em 70 para cada Instituição Federal. O PIBIC oficialmente começa com as 350 bolsas, mas com o pré-requisito de que a seleção teria de ser acompanhada de pelo menos um bolsista de PQ para cada grande área do conhecimento, tanto na seleção como na avaliação. Fui convidada porque havia uma reação muito grande por parte da comunidade científica. Diziam que esses professores não tinham experiência para orientar IC. Como eu era bolsista de produtividade do CNPq desde 1982, abracei o primeiro convite e fui ao Amazonas. Naquela época éramos vistos como fiscais e não como pesquisadores (que também tinham bolsistas), que estavam ali para ajudar os professores com menor experiência. O PIBIC foi uma revolução. Era um tempo em que os professores estavam meio desanimados, produziam pouco. O PIBIC propiciou uma injeção de entusiasmo aos jovens. Os professores, “empurrados” pelos estudantes, tiveram que se atualizar, estudar e aprender para ensinar e trabalhar; foi uma grande revolução. Ao mesmo tempo, os alunos que eram escolhidos, (setenta), passaram a ficar muito mais motivados, caíram os números de reprovação e desistência à disciplina e ao curso. Todos passaram a se interessar, a querer bolsas; estabeleceram normas. Eu venho desde esse período participando como membro de comitê da área de humanas no processo de seleção e de avaliação. Para mim essa bolsa é uma das ações mais importantes que o CNPq criou dando possibilidade a todas as instituições participarem e, ao mesmo tempo, é a bolsa mais democrática que existe, pois independe de classe social. Depende sim da motivação das pessoas. Como eu estou desde 1989 participando desse processo, tenho exemplo de muitos jovens pobres moradores de favelas que hoje são doutores. Entraram pela porta da frente na universidade porque o fizeram por concurso. Tenho viajado pelo Brasil e constatado que a Iniciação Científica provoca um efeito cascata porque no momento em que se descobre a bolsa surge um passaporte para o sucesso. Você descobre os caminhos da pesquisa, você passa a conhecer as possibilidades para novas bolsas e financiamentos. A bolsa PIBIC, hoje, tem visibilidade nacional. O PIBIC desperta as pessoas para a ciência e abre as portas para o futuro.

(R.O): Como a senhora avalia o Programa (PIBIC), nos dias atuais e para os próximos anos.

(Rosa Ester Rossini): Hoje, o PIBIC, no CNPq, concede cerca de 26 mil bolsas. É o programa que mais cresceu. Como há um pedido de contra partida, o numero de bolsas institucionais depende da política institucional. Há instituições que liberam o dobro, o equivalente, e outras que dão apenas 10% em relação ao número de bolsas que recebe. Tenho um exemplo muito concreto. Por anos eu lutei na minha universidade, a USP, para que ela liberasse uma contrapartida de acordo com o numero de bolsas que recebia naquela época, há 10 anos. Depois de muita luta consegui 36 bolsas para minha faculdade e vinha lutando muito. Os coordenadores do PIBIC da USP sabiam da minha luta e do que eu pensava em relação a USP. Tanto que, em uma abertura de evento, ignoraram uma pergunta que fiz porque sabiam que eu ia criticar a USP. Na realidade, era crítica no bom sentido, pois eu estava querendo demonstrar a importância do Programa para a instituição.

(R.O): Fale um pouco do seu trabalho de pesquisa.

(Rosa Ester Rossini): Historicamente, trabalho com o tema mão de obra volante na agricultura. A migração esteve sempre presente. Em 1985, a presença de migrantes temporários para o Japão ficou evidente. Inseri nos meus trabalhos a migração do Brasil para o Japão porque orientava alguns estudantes de ascendência japonesa. Estavam trabalhando com o tema e me contavam a respeito dessa situação. Um dos orientandos realizou sob minha orientação mestrado e doutorado. Foi o primeiro diretor do Centro de Atendimento ao Trabalhador Migrante no Exterior – CEATE. Orientei também Vanda Ueda na especialização, mas ela, infelizmente, faleceu naquele desastre de avião da TAM. Era professora no Rio Grande do Sul. Orientei o também japonês Yamochi, etc. Talvez eu tenha sido a primeira, nos anos 85 – não sendo de ascendência japonesa – a escrever sobre a imigração do Brasil para o Japão. Escrevi muitos textos relatando as dificuldades e sucessos desses migrantes. Fica sempre uma pergunta: por que eu fui trabalhar com essa mão de obra? Porque percebi que as motivações que levavam as pessoas do Brasil para o Japão eram as mesmas que induziam os nacionais a migrarem no Brasil. A palavra *dekassegui* quer dizer migrante temporário. Nas

PET - Geografia

minhas entrevistas a única diferença entre eles ocorria na hora do pagamento. Uns recebiam em cruzeiro, que era a moeda da época e outros em dólar; o salário mínimo no Japão era equivalente a U\$1200, mas chegavam a receber, pelo número de horas de trabalho, em torno de U\$ 5000 por mês. Era o ‘Eldorado’, assim como para os imigrantes nordestinos, representava essa imigração também o ‘Eldorado’, porque, guardadas as devidas proporções, conseguiam também poupar. É muito interessante porque há bastante similaridade: migraram para trabalhar, não conheciam seus direitos; sabiam dos seus deveres; vieram para poupar; aceitavam qualquer trabalho por qualquer preço, etc. O grande problema é que o nacional da terra, que estava na luta por direitos trabalhistas, melhores salários, etc., perdia parte do seu esforço com a entrada em atividade dos migrantes. Até recentemente, 70% dos migrantes que partiram do Brasil para o Japão não sabiam que não tinham carteira assinada. São autônomos. Só percebem que não são contratados quando ficam doentes, pois, quem trabalha em uma empresa e adoece, será descontado em 10% do seu salário enquanto estiver internado em um hospital, mas continua recebendo o salário. Os autônomos que trabalham como terceirizados são descontados os seus direitos em folha de pagamento, mas na realidade, são roubados pelos seus contratantes, pois, quando ficam doentes, pagam 30% por gastos hospitalares e não recebem pelos dias parados. São obrigados a voltar porque a vida fica impossível.

Então percebiam que na era da globalização e os acontecimentos do Brasil levaram ao momento da flexibilização, ou, o momento exato em que as pessoas, de repente, percebem que não há pleno emprego: não contratam o jovem porque ele não tem experiência e não lhe dão a oportunidade do primeiro trabalho, não contratam o idoso porque já passou da idade, aliás, idoso entre aspas, porque a pessoa tem 50 anos já está excluída do mercado. Vivemos uma era de estrangulamento de engajamento profissional. Para diminuir o problema o governo está “dando” uma infinidade de bolsas a pessoas/famílias carentes. Precisa ser repensada essa forma de contribuição. No evento ocorrido na UFU, do qual participei, gostei muito da fala de uma moça assentada. O comentário dela foi deslumbrante: “eu tenho a prática e você tem a teoria, mas as duas têm que se casar porque uma está desencontrando; não concordo com isso, não concordo com aquilo, não concordo com aquilo outro, entende?”. Foi muito interessante porque nós temos que nos unir pra trabalhar juntos, de modo a construir uma nova possibilidade, como dizia Milton Santos: “O mundo é feito de possibilidades, compete a nós transformar as possibilidades em realidade” e na realidade ela nos deu uma boa lição, porque,

PET - Geografia

nós não vivemos a realidade desses assentados ou dos acampados, nós fazemos pesquisa e é muito diferente. Então, não quero dizer que a gente tenha que se transformar em assentado, mas temos que ter um outro olhar, para o concreto. Gostei muito também quando ela falou: "Nós plantamos, nós colhemos produtos que nós consumimos, portanto tem produto aqui agroecológico e etc., mas não podemos vender porque não somos certificados. Aí nós vendemos pra uma pessoa que entrega no CEASA o produto, mas nós não podemos. Não é o nosso nome que vai, é o nome do intermediário e ele é que ganha o valor real do produto; nós ganhamos migalhas".

(R.O): Sabemos que a senhora foi pioneira nas pesquisas sobre a questão de gênero na Geografia Brasileira nos seus 30 anos de estudo sobre o tema. Neste sentido, qual o papel da mulher no século XXI.

(Rosa Ester Rossini): Bem, eu quero dizer para vocês que eu não pesquisei; eu pesquiso desde que eu nasci, porque eu já nasci convivendo com o trabalho da mulher. Tive este olhar para o trabalho da mulher achando, no começo, que a vida da mulher era a de "Amélia" mesmo, mas depois comecei a perceber um sobretrabalho violento que minha mãe realizava, e percebi também que na família italiana os homens eram machistas. As mulheres transmitiam aos filhos essa ideologia. Realizei o curso primário em Serra Azul, o ginásio em São Simão e o Normal em Ribeirão Preto e constatei que todas as mulheres da minha geração se individualizaram. Muitas ascenderam à academia ou como professoras no ensino fundamental. Foram as melhores. Continuamos nos reunindo.

Eu me formei em 60 no curso Normal, portanto, há 52 anos, e sempre continuamos a nos encontrar, cada uma contando o que está fazendo, as coisas que estão acontecendo. Há uma solidariedade muito grande. Acho que a palavra para a melhoria da vida também se chama solidariedade. Na academia, nos anos 70, fiz o primeiro projeto em 1976, mas eu já participava dos movimentos sociais em São Paulo. Não conseguia introduzir a discussão da mulher na academia, na Geografia. Parece que descobrimos uma maneira de conseguir inserir a mulher na geografia e o fio condutor foi o conceito de trabalho. Através do trabalho você produz e reproduz o espaço. O 1º evento realizado foi em Callegari, na Itália e eu fui. Era membro da Comissão Internacional de Geografia da População da União Geográfica

PET - Geografia

Internacional – UGI. Fui também buscar na Inglaterra o primeiro livro publicado sobre Geografia e Gênero. Fui a Portugal, Itália e França participar de reuniões com meus colegas da geografia sobre a questão da mulher. Foi interessante, pois chegamos juntos a descobrir esse fio condutor. Em julho, organizei uma reunião que é um evento de preparação da reunião da UGI. Programei um simpósio sobre a mulher como força de trabalho. Foi muito singelo, mas marcou o início das discussões sobre o tema na geografia. Ainda hoje é preciso lutar muito para que a mulher seja objeto de análise na geografia, porém é importante destacar que, embora o fio condutor seja o trabalho, isso não é suficiente para se analisar o trabalho da mulher; você tem que trabalhar os dados secundários, tem que ir à luta, tem que arregaçar as mangas e ir ao campo, fazer pesquisa de campo, pesquisando a família. É a partir do trabalho da família que você vai puxar um gancho pra ver qual a especificidade do trabalho da mulher e do homem. Por que o tema homem até hoje não mereceu estudo específico? Os dados são gerais e tudo é genérico: homem. Tento, quando não é específico do homem, não é um trabalho do homem, referir-me ao trabalho do ser humano; ao trabalho das pessoas, e procuro mostrar a especificidade do trabalho de cada um. Temos hoje 37% mulheres cabeças de família, chefes de família. Vamos ver onde estão concentradas essas mulheres chefes de família. Só com o trabalho de campo é que se vai possibilitar desvendar essa realidade. Média não revela nada. Por isso a minha luta também é a de dar visibilidade ao trabalho da mulher, visibilidade ao trabalho do homem, não generalizar. O estudo tem que priorizar a família: pelo tamanho da família é que eu posso definir a qualidade de vida, a renda; pela idade, pelo nível de escolaridade, pelos equipamentos que tem em casa, eu posso definir o nível da qualidade de vida. Se pesquisar só a mulher, você não vai conseguir realizar um bom trabalho. A mulher, enquanto participante da produção e reprodução do espaço, não é um ser isolado.

(R.O): Como a senhora vê a ciência Geográfica para os próximos anos.

(Rosa Ester Rossini): Olha, eu digo a vocês que eu tenho um olhar vislumbrando o sucesso. Vejo que as novas possibilidades, oportunidades, são cada dia maiores, mas há que se pensar muito na base teórica. As pessoas estão trabalhando com pouca base teórica; se perdem no contexto. Se você trabalhar com planejamento urbano percebe a perda do espaço da geografia. Perdemos para os arquitetos, os urbanistas, os economistas, etc. Se você olhar para o estudo

PET - Geografia

da região nós perdemos para quem? Para os economistas. Se você pegar o Sistema de Informação Geográfica, todo mundo faz sem ter a base teórica. Tinha que ser uma especificidade da geografia e a geografia não abraçou suficientemente isso. A minha maior briga é que nós não sabemos e não percebemos a importância da cartografia na nossa formação. A geografia serve para fazer a guerra, mas serve pra fazer ciência também, e, portanto, nós jogamos fora, e “nós”, hoje, não sabemos a distinção entre escala de cores, não sabemos fazer uma legenda, não sabemos fazer um título, portanto, nós perdemos o que é representação gráfica. Não soubemos acompanhar a evolução tecno-científica. Temos que correr atrás, mas não pra termos técnica, mas sim para termos os profissionais da área, para fazer com que o Sistema de Informação Geográfica seja prioridade dos geógrafos, porque só eles sabem fazer cartografia, e só quem sabe fazer cartografia, sabe fazer um bom Sistema de Informação Cartográfica. Vou citar um exemplo. É comuníssimo você ver em um congresso se uma pessoa aprendeu a fazer um mapa. Usam em geral a cor vermelha para mostrar o mais forte, verde para mostrar o menos forte e amarelo para mostrar o fraquinho. Não diz nada porque você não está vendo uma escala de cores, a pessoa não sabe fazer uma legenda, então nós temos que correr atrás disso, em tudo. Na realidade, nos falta a base filosófica para começarmos a entender o objeto e os princípios da geografia. Temos que estudar os clássicos. Todas as outras áreas começam pelos clássicos, assim você entende a filosofia da ciência. Então, se ao mesmo tempo eu tenho um olhar de sonhos, de possibilidades, de sucesso para os profissionais da geografia, por outro lado temos que correr atrás daquilo que se chama base teórica. Com as leituras e compreensões dos clássicos da filosofia, da geografia e da área específica, as possibilidades se transformarão em realidade e a geografia passará a ter um novo olhar como ciência a serviço do social.

Muito obrigada.